



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

O ENSINO DE FILOSOFIA E O DIALOGO COM AS EPISTEMOLOGIAS MARGINAIS: PERSPECTIVA ÉTNICA EM UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO

Gilmar Lima Fernando.

Aluno de filosofia

(UFPE)

gilmarlimafernando@hotmail.com

RESUMO: Diante do estatuto legislativo que coloca a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, algo largamente negligenciado dentro de instituições educativas de todos os níveis durante muito tempo, algumas questões da efetivação de sua implantação vem à tona. Dentre estas, a pesar do espaço destinado ao debate no âmbito da importância histórica, acredita-se que o problema não seja puro e exclusividade de tal área. Mas, de todo um contexto interdisciplinar o qual seja válida a contribuição de áreas distintas que também permeiam o ambiente escolar, como no caso da Filosofia. Busca-se, desta maneira, dialogar entre o papel da filosofia na escola, a partir da reflexão de Alejandro Cerletti, e sua relação com as epistemologias marginais. Consta-se ainda, nesta pesquisa, o perfil metodológico de caráter hermenêutico, cuja reflexão feita basicamente a partir da relação étnico-racial.

Palavras-chave: ensino de filosofia; epistemologia-marginal; étnico-racial.

INTRODUÇÃO

Existe um abismo invisível entre as formas de conhecimento entendidas como ocidentais e aqueles que produzem outras formas distintas da padronização epistemológica hegemônica oriunda da ocidentalidade. Entende-se aqui, um sistema cuja sua percepção possa ser algo que ao mesmo tempo, salta e não salta aos olhos. Não salta, na medida em que tal linha não pode ser vista factualmente. E salta, pois suas consequências são evidentes, não admitindo assim a copresença do outro lado da linha. Como característica deste estado de segregação, encontramos uma espécie de dicotomia que sintetiza a não prevalência desta parte da linha, a parte Sul diante da perspectiva do Norte. Norte este, esboçado pelas distinções que o pensamento abissal impõe. Dentro da bipolaridade constituída pela invisibilidade de um dos polos (tal linha demarcatória), implantando pelo próprio Norte, no campo do conhecimento filosófico, tensões entre as



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

formas de apreensão do mundo científica e teológica foram aceitas em meio ao conhecimento filosófico. Ambas entendidas aqui como produtos do Ocidente, formas toleradas no embate discursivo entre estas e o conhecimento filosófico. Porém, um apontamento epistemológico contraventor, oriundo deste lado da linha (Sul) misturando-se a filosofia seria, por sua vez, uma relação impossível.

As tensões existentes entre filosofia, ciência e teologia (as últimas, como outras formas de conhecimento) tem lugar daquele lado da linha; e se comparadas aos pressupostos epistemológico deste lado, não tem. As propostas oriundas das formas de saberes populares, indígenas, quilombola, somadas ao conhecimento filosófico, seriam algo da ordem do não existente. São na verdade das formas que consistem em uma categoria considerada como incomensurável, que ultrapassa até mesmo as barreiras do que seria instituído como Verdadeiro e Falso, não digno, portanto, de ser abordado pela filosofia. Neste ambiente do Sul epistemológico, critérios de verdade e falsidade não fazem parte do produto Ocidental, a Verdade:

É inimaginável aplica-lhes não só a distinção científica entre verdadeiro e falso, mas também as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia que constituem o outro conhecimento aceitável deste lado [Norte] da linha. Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. (cf. SANTOS: 2010, p. 34)

Esta separação coloca a filosofia, a ciência e a teologia em um patamar diferente destas formas epistemológicas entendidas como incomensuráveis. Enquanto aquelas, elaborações oriundas do outro lado da linha (Norte) são abordadas a partir do paradigma verdadeiro/falso. Estas formas, oriundas do Sul, são abortadas como algo para além do verdadeiro/falso ou do legal/ilegal; algo que abarca o campo do sem lei.

A ambivalência entre Sul/Norte, aqui é colocada não como mera localização geográfica, mas sim, além disso, como algo que busca sintetizar grupos a partir de algumas características entendidas como comuns a dados elementos de superioridade.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Tal dicotomia atua como uma distinção entre formas que competem em uma abordagem de campos extremamente variados da ordem do legal, epistemológico, sociológico etc. A distinção entre o Norte e o Sul, a qual compete os países europeus e parte da América do norte bem como a Oceania, é a parte global que monopoliza as formas de conhecimento mencionadas a pouco. Entende-se ainda, que o pensamento Moderno não seja a única forma válida de dizer o mundo. Sua forma hegemônica carrega uma série de requisitos, autônomos, puros, e não dignos de serem aperfeiçoados por outras formas. Ou seja, é um abismo epistemológico, dentro de outras formas de conhecimento. Sendo muito provável que exista de outras maneiras, para além do Norte, a partir da superioridade imposta.

Os pressupostos sócio/epistemológicos que permearam o abismo social existente entre estes dois universos, contribuiu com traços bastante pertinentes para a constituição intelectual e filosófica nesse sentido. A produção filosófica, por mais livre que se proponha sempre está sujeita a sofrer influências de seu tempo, contexto e estratificação social. Apesar da pretensão de autonomia, nem sempre isso ocorre. Sua prerrogativa corre um sério risco de estar sendo submetida, ao invés de atitudes emancipadoras, a replicar formas extremamente pejorativas e segregacionistas produto do tempo que é fruto. Foram vários casos ao longo da trajetória da tradição filosófica. O homem grego, restrito em sua cultura, possuía a incapacidade de não conseguir voltar-se para outros povos. Daí, para todo aquele, diferente de seus costumes, embora que fossem entre si elementos extremamente distintos, foram denominados como bárbaros. O bárbaro é na verdade o estranho, catalogado de forma homogênea.

Como proposta para além deste universo segregacionista transcrito em um pensamento abissal a postura aqui se foca em quebrar estas barreiras. Um pensamento que tenha as diretrizes pós-abissais como foco, é entendido como aquele que deve envolver-se em uma ruptura com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação, no sentido de nortear-se pelo critério da emancipação. Daí então uma tomada de postura que abarque o campo de proposta autônoma e que ao mesmo tempo esteja comprometido em aprender com as formas epistemológicas oriundas do Sul. Ou seja, um ambiente constituído de diversas propostas epistemológicas. Como já dito antes,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

uma postura balizada na dicotomia Norte/Sul não abarca necessariamente critérios geográficos onde países coexistam de forma antagônica. É antes disso ou pode ser também, o convívio entre posturas que sejam dicotômicas, podendo até estarem inseridas em um mesmo ambiente. O papel das instituições de ensino, centros de produção e fomentação de conhecimento, deve ser de crítica destas formas centricas, e que contribuem assim para uma postura de marginalização epistemológica. São, na verdade, instituições em que a forma de conhecimento não dialógica com formas alternativas. Acreditamos ainda que a ruptura desta segregação consiste em dialogar estes mundos. Ou seja, a educação como mecanismo emancipador.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como foco um caráter exploratório de delimitação do objeto da pesquisa a partir da leitura e análise de textos filosófico, sociológico e legislativo. Tratando-se do estudo exploratório, Minayo (2000; p. 89) explica que “compreender a etapa de escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos, da construção do marco teórico conceitual e da exploração do campo” Para a efetivação deste momento no processo de pesquisa, realizou-se um “estudo de arte” com o intuito de sabermos o que já foi produzido, constatando assim a veracidade da percepção particular anteriormente citada e já desta forma contribuindo para uma melhor delimitação do objeto da pesquisa. Vale ressaltar que as obras de comentadores e estudiosos na área são também importantes para a construção comparativo-interpretativa. Minayo (2000: p. 179) esclarece “que toda pesquisa supõe dois tipos de revisão de literatura: (a) aquela que o pesquisador necessita para seu próprio consumo, e (b) aquela que vai, efetivamente, integrar o relatório do estudo”.

Como passo seguinte, a atenção focou-se na seleção de pensadores que abordaram a temática, bem como sua consequente análise da produção pertinente. No que compete tal, foi feita uma seleção sobre a interpretação dos autores, observando assim os aspectos de contexto histórico, sociológicos e relevância filosófica para o tema. Buscou-se primar pelas abordagens concernentes a uma postura de caráter pós-colonial cuja



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

leitura nos forneça elementos para trabalhar novas fontes epistemológicas. Bem como, para uma postura de ensino de filosofia norteadada pela reflexão filosófica como característica do ensino de filosofia.

Como parâmetros orientadores desta pesquisa, foram abordados tópicos pertinentes a uma postura que procurou posicionar-se filosoficamente diante das relações de caráter étnico a partir de uma postura epistemológica: o perfil epistemológico a partir do pensamento do sociólogo Boaventura de Sousa Santos; o ensino de filosofia como reflexão filosófica para o ensino médio abordado por Alejandro Cerletti; o perfil do negro no Brasil e seu subconsciente, propostas de Kabengele Munanga e Frantz Fanon; bem a questão documental a partir do Estatuto da Igualdade Racial e Parâmetro Curricular Nacional (PCN).

RESULTADOS

Ao ser abordado pelo ensino de filosofia nas escolas, o problema de uma concepção social que permeia processos discriminatórios deve ser focado por uma educação que busque uma emancipação de formação comprometida com princípios que valorizem o ser humano em sua integridade. Neste contexto, a postura é de que atributos discriminatórios não se limitam apenas a membros de identidade ‘puramente’ negra¹. São vítimas também desse insólito mal, várias outras formas e indivíduos, dentre estes o conhecimento produzido por estes seguimentos. Dentro da temática negra, define-se o processo de segregação em quatro momentos distintos da ideologia racista: o escravista, o antiescravista, racista difusa e o movimento negro contra a ideologia racista (cf. LIBANIO; 1995) Dentro de tal campo, é que procuramos abordar o papel do ensino de filosofia nas escolas de Ensino Médio. Ou seja, uma postura de reflexão sobre uma

¹ O negro no Brasil é entendido não como sujeito de evidência biológica, mas sim, ao contrário do senso comum, como individuo de categorias cognitivas herdadas pela tradição histórica a partir do processo de colonização. O critério aqui evidenciado possui um perfil mais próximo da questão ideológica que biológica. A partir daí, o campo o qual o sujeito negro está inserido, ganha nova amplitude, abarcando assim grupos inseridos em contextos de caráter cultural, como é a abordagem deste trabalho se propõe.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

questão de caráter social que aborda a ideologia racista, dentro das relações do conhecimento.

Breve panorama histórico social das relações étnico-raciais

Partindo da análise histórica da tradição grega, no que compete ao processo das discriminações, observou-se que a prática da escravidão era algo adotado com certa frequência. É ressaltado aqui o papel da contribuição desta característica para seu apogeu como unidade de produção cultural hegemônica. O teatro, a história, a política ou filosófica adotaram a escravidão como forma de subsistência e sustento social. Parafrazeando Engels, no que diz respeito ao tema, pode se entender a escravidão como responsável pela primeira divisão do trabalho entre a indústria e agricultura, e sem tal invenção não haveria o Estado, a Arte ou as cidades gregas. Não haveria Roma, helenismo ou até mesmo a Europa Moderna. A escravidão no mundo grego tinha o indivíduo escravizado, pelo menos para uma hegemonia intelectual, como ser dotada de uma capacidade de produção. *Menon*, obra de Platão é um exemplo forte disso. Nela, Sócrates ensina um escravo, Menon, o teorema de Pitágoras.

No Brasil, as relações escravocratas possuíam um caráter bastante diferente daquelas do mundo antigo. O indivíduo escravizado era uma mercadoria, produto incapaz de exercer atividades mais elaboradas como a produção de conhecimento, ou até assimilação da proposta epistemológica europeia. O padre Manuel da Nobrega concebeu o processo escravista como [...] “escandaloso de pagar as nossas dívidas em escravos, pois eles são a moeda corrente no país [Angola], assim como o ouro e a prata é na Europa e o açúcar no Brasil” (LIBANIO, 1995). No Brasil colônia, o trabalho braçal era visto como algo inferior, cuja apenas seres dotados de tal estigma de submissão e inferioridade deveriam se ocupar. Embora, salvo algumas poucas exceções de negros alfabetizados nas primeiras letras, o restante do Brasil negro era analfabeto.

A ideologia vigente teve um papel destacado para justificar esse pensamento, de forma tal que filosoficamente pode se destacar pensadores como Montesquieu para revigorar as disparidades. Libanio aponta para perspectiva de caráter segregado do



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

filosofo. Em sua obra, *Leis*, ele afirma: “É impossível supor que tais gentes [negros] sejam homens, pois, se os considerássemos homens, começaríamos a acreditar que nós próprios não somos cristãos” (1995). O que está em pauta aqui não é apenas o modelo em si, mas sim o resultado dele para uma sociedade que se apresente de forma polar como no caso da brasileira. Nela, a proposta de segregação foi colocada como forma de justificar um modelo de controle social apoiado em argumentações pejorativas. Mostrou-se mais interessante sustentar preconceitos que simplesmente verificar a validade destes pensamentos. Pode, dentro de tal pensamento, considerar o Brasil a partir de uma cultura eurocêntrica, a qual a justificativa deste modelo era adotada a partir do pensamento da Europa, altamente comprometido com o projeto colonial.

Foi o movimento de abolição da escravatura, uma perspectiva crítica frente a uma posição de segregação racial no Brasil. Postura adotada de forma oficial, durante o fim do Brasil Império por Joaquim Nabuco, embora, dentro de um campo bastante romantizado. Tantos anos de escravidão contribuíram profundamente para uma degradação da família de origem negra. Se dentro do plano social capitalista industrial os homens são reduzidos a duas únicas opções, a de morrer de fome ou vender sua força de trabalho; dentro de um contexto de origem capitalista escravista, os negros eram menos que isso. Reduzidos a produtos que não poderiam nem se quer optar por vender a própria força de trabalho ou morrer de fome como os brancos, eram criaturas sem alma, e sem autonomia, que não tinham “o direito” de vender-se, pois mesmo após a abolição, o processo de exclusão social negligenciou lhes de tal “privilegio”.

Mesmo em períodos mais recentes as consequências deste estigma de inferioridade ainda existem. Constatar que a característica de formação pejorativa dos grupos de descendência negra, a qual foram submetidos a sociedade, resvala em um processo de formação ancestral que busca comungar também com princípios dissonantes com a ação emancipatória. Processos como a religiosidade ou conhecimento da medicina tradicional, são colocados de lado em virtude de modelos tidos como superiores. Existe uma religião que se sobrepõe a esta, a medicina negra é inferior ao conhecimento científico produzido pela Europa em todos os casos e circunstâncias possíveis. Ou seja, como dito antes, uma postura Abissal que separa estes dois mundos.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Atitude do ensino de filosófico nas escolas de Ensino Médio

A filosofia não pode ser vista meramente como um conjunto de técnicas e métodos pedagógicos para a inserção do conhecimento filosófico. Ela deve servir para fomentar problemas, e problemas de ordem filosófica. No que diz respeito a figura do professor sobre isso, acredita-se que ele deva ser professor de filosofia e que tenha também uma postura filosófica. O pensador filósofo, de forma que seja demasiadamente dificultoso separar tanto o professor do filósofo como o filósofo do professor. Toma-se assim, dentro de tal ponto, que seria impossível dissociar ambos. Se é professor-filósofo na medida em que também se é filósofo-professor. Tem-se que a relação entre filósofo e professor tenderia para um caminho de constante pensar. Pensar este cuja hora se manifesta o profissional como verdadeiramente professor, hora como filósofo. A ponto de não se tratar de separadamente o docente do intelectual, mas sim tomar que a partir da visão do indissociável considera-se que tal dualidade deva ser administrada dialeticamente. Ou seja, que o profissional resignifique não apenas os conteúdos filosóficos, mas que busque reinterpretar de maneira filosófica outros problemas. Dentre estes, a produção epistemologias decorrente dos grupos afro-brasileiros pode tomar vulto.

A intencionalidade filosófica pode ser contida dentro do ato do perguntar, se enraíza na aspiração ao próprio saber filosófico para entender o mundo. Mas de traço distinto, o aspirar é dado por uma saber sem supostos. Por isso, o perguntar filosófico não se conforma com as primeiras respostas que costumeiramente são oferecidas pela tradição mitológica, científica, religiosa ou até mesmo da própria tradição filosófica. Em geral, estas respostas interrompem o perguntar pelo aparecimento dos primeiros supostos, não procuram tratar do que está além destes paradigmas preestabelecidos e condicionadores. Entendemos que o ato de perguntar está dentro da condição essencialmente humana. É justamente envolvido por esta condição que o homem procura formular o seu conhecimento. Adotamos a ideia de que pela pergunta, como propunha Platão em Menon, de onde se subtrai as bases justas para sustentar o



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

conhecimento, para o entendimento do mundo. Estas bases, nem sempre são respostas filosóficas, mas quando o são, permeiam o universo da *quebra dos saberes preconcebidos*, inaugurando assim margem para outras concepções. Perguntas como as científicas, políticas, religiosas, se detém quando aparece a inquestionabilidade das supostas resposta que por sua vez estão norteadas dentro desses próprios campos. A postura filosófica não, ela busca a verdade até as ultimas consequências. Nesse caso, seria esta forma de apreensão do mundo, um fomentador do entendimento das relações de saberes subalterno.

CONCLUSÃO

Por conseguinte, referente à obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, tal pesquisa teve como resultado a postura do ensino de filosofia nas escolas como elemento reflexivo colocador de problemas e indagador de certezas no que compete a 'viabilidade' dos saberes. O docente de filosofia será alguém que se situe na altura da responsabilidade de problematizar o ensino de filosofia diante das questões de fundo culturais. Não furtar-se do problema, mas sim correr em sua direção, de forma a validar ou não, tais pressupostos que o instituem. Não se pode ter uma compreensão prévia da penetrabilidade da cultura na filosofia nem o contrario, sem pelo menos antes um embate entre ambos. Não se trata aqui de substituir uma por outra, pois as relações Abissais, neste caso, ainda continuariam existindo, porém com uma troca de papeis. Trata-se, antes disso, de fomentar o embate entre formas coerente e objetivo no que compete o capo do conhecimento.

A abordagem social do ensino de filosofia pode ser entendida como uma postura de um modelo educativo que busca uma formação concatenada com o respeito, tolerância, mas também com elementos que conduzam a outras perspectivas epistemológicas, diferentes daquelas da tradição, caracteriza por dadas formas de saberes de ressonância original, comensurável e digno de ser abordado. Nesse caso a postura aqui adotada deve ser voltada para a liberdade. O papel da reflexão, comprometida com a ação filosófica é um importante condutor para tal. É a partira da colocação da problemática sobre



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

critérios pertinentes à significação epistemológica que se procura respeitar a figura da produção de conhecimento dos grupos negros. Ou seja, no que tange a questão étnico-racial o ensino da filosofia pode ajudar a contribuir com a reflexão epistemológica.

REFERÊNCIA

- CERTELLI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. [Trad. Ingrid Müller Xavier]; Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DARCY, Ribeiro. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Terra e paz, 1982 p. 1 - 43.
- Estatuto da Igualdade Racial*. – 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. [Trad. Renato da Silva] Salvador: EDUFBA, 2008.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira; revisão Gilson Cesar Cardoso de Sousa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LIBANIO, João Batista. *Ideologia e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1995.
- LOPES, Lei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2006, p.141.
- MATOS, Junot Cornélio. Fundamentos Filosóficos do Ensino de Filosofia. In: *Filosofia: caminhos do ensinar e aprender* [org.] Junot Cornélio Matos, Marcos Roberto Nunes Costas – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 5ª. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade versus identidade negra*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PAIVA, Edil V. de. A formação crítico-reflexivo. In: *Pesquisando a formação de professores*. [org.] Edil V. de Paiva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Secretaria de educação Média e Tecnologia. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Ministério da educação. Brasília: 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Boaventura de Sousa Santos, Maria Meneses. [org.] – São Paulo: Cortez, 2010.